

A literatura como resistência política: traços neorrealistas na produção literária do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)

Caroline Alves Pereira¹

Resumo: Este trabalho busca analisar as relações existentes entre as produções literárias do início do século XX, com o surgimento da corrente neo-realista, e a literatura produzida pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), como manifestação de resistência à cultura elitista, no que tange ao espaço das criações artísticas. Para tanto, discute-se a característica do neo-realismo como expressão literária definidora dos aspectos sociais e políticos representados nas obras da época. Analisa-se, também, o conceito de resistência como determinante para a definição da literatura marginalizada do movimento campesino (MAB). Por fim, a seguinte pesquisa ratifica a importância da literatura e das artes produzida para além das universidades e dos cânones habituais.

Palavras-chave: Literatura de resistência, Neorrealismo, Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

Abstract: *This paper analyzes the relationship between the literary productions of the early twentieth century, with the rise of neo-realist current, and the literature produced by the Brazilian social group called Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) as a manifestation of resistance to elitist culture in terms the space of artistic creations. To this aim, I discuss the characteristic of neorealism as the defining literary expression of social and political represented in the works of the time aspects. In addition, I analyze the concept of resistance as a determinant for defining the literature of marginalized campesino movement (MAB). Finally, the following research confirms the importance of literature and the arts produced in excess of the usual canons and universities.*

Keywords: *Literature of Resistance, Neorealism, Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).*

¹ Graduada em Letras - Universidade Federal de Viçosa – MG.

1. Literatura e Resistência Política: Um perfil do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)

Nos últimos 20 anos, o Brasil presenciou o gênesis de uma movimentação social que teve origem na transformação econômica do país, a partir do processo de privatização do setor elétrico brasileiro, intensificado nos anos de 1990. A grande onda de privatizações estimulou, ainda mais, a competição entre empresas privadas pelas concessões de empreendimentos na produção e transmissão de energia no país. O Estado de Minas Gerais atraiu inúmeras empresas de capital estrangeiro devido à tamanha riqueza fluvial preservada, como pela capacidade de gerar cada vez mais lucro através de financiamentos do BNDES² e de contratações de mão de obra barata e provisória. De um lado, as empresas passaram a controlar parte dos recursos naturais (água, minério, terra para produção de alimentos), na construção de pequenas e grandes usinas hidrelétricas, na implementação de grandes latifúndios, na monocultura e nas atividades de mineração; de outro, a população, principalmente a do campo, passa a ser obrigada a vender suas terras, a subordinar-se às condições subumanas tendo seus direitos violados³ em prol do desenvolvimento⁴, colocando em cheque a soberania do país.

A insatisfação popular e o sentimento de impotência que limitava as ações dos atingidos eram os principais sintomas deste momento. No entanto, à medida que crescia a repressão através do investimento pesado em treinamento militar e outros métodos coercitivos, crescia também a revolta de trabalhadores e trabalhadoras que viam seus direitos sendo usurpados. O Movimento dos Atingidos por Barragens

²BNDES – O banco nacional do desenvolvimento

³ O CDDPH (Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana – órgão do Estado brasileiro criado pela lei federal 4. 319, de 16 de março de 1964, e tem competência para promover inquéritos, investigações e estudos para avaliar a eficácia das normas que assegurem os direitos da pessoa humana, inscrito na Constituição Federal), aprovou no ano de 2010, o relatório da Comissão Especial que contém denúncias de violação de direitos humanos no processo de implantação de centrais hidrelétricas. A comissão identificou 16 direitos humanos violados.

⁴ O conceito de desenvolvimento deste sistema social e econômico é, inúmeras vezes, questionado pelos membros do Movimento dos Atingidos por Barragens. Muitos encarregados ou psicólogos enviados pelas empresas tentam, segundo os trabalhadores e trabalhadoras, convencê-los a vender seus lotes com a assertiva de que estarão colaborando com o desenvolvimento do país, no entanto, com o fim das negociações, muitos ficam sem casa e sem indenização. CORRÊA, Sergio Roberto Moraes. O movimento dos atingidos por Barragens na Amazônia: Um movimento popular Nascente de “vidas Inundadas”. *Revista Nera* – ano 12, n.º. 15 – Julho/Dezembro de 2009. p. 38.

(MAB) surge neste contexto de reivindicação e de busca pelo resgate da vida e das histórias de muitas famílias.

A organização toma corpo e forma, desde o norte ao sul do Estado de Minas Gerais. As empresas avançam, usinas são construídas e direitos são cada vez mais violados, no entanto, homens e mulheres, adultos, jovens, idosos e até mesmo crianças se organizam nas comunidades para resistir às ameaças e ofensivas que vinham tanto do lado das empresas privadas estrangeiras quanto por parte do Estado.

Não havendo repercussão, mediante o posicionamento da mídia⁵, a história de muitas famílias ribeirinhas é, por pouco, desprezada e lançada à indiferença. Muitos documentos foram e são até os dias atuais conservados e produzidos; são fotografias, documentários e uma infinidade de registros construídos através da arte, da literatura e da memória, como formas de fomentar o despertar da sociedade para a necessidade da emancipação humana. Assim surgiram quadros, pinturas simples, com pouca tinta e um punhado de terra; poesias que trazem à realidade de hoje o registro de um passado oculto, narrado com perfeição de detalhes por mãos que escreveram não somente sobre a vida de um povo esquecido e marginalizado como sua própria história. Neste sentido, pode-se visualizar uma semelhança entre a conjuntura atual, com suas manifestações culturais e artísticas, e a configuração de um novo realismo marxista do século XX a serviço da “consciencialização das classes trabalhadoras”⁶.

Longe dos parâmetros e moldes da literatura clássica ou das produções artísticas fomentadas pelas grandes academias, a literatura produzida pelos movimentos sociais do campo agrega valor devido a sua capacidade de denunciar e enriquecer a história desse povo esquecido que vive às margens da sociedade. Os romances, poesias, pinturas e músicas produzidas no núcleo dos movimentos organizados são heranças pertencentes à apenas uma parcela da classe trabalhadora que, por se tornar cada vez mais marginalizada, cultiva sua cultura local e cria artes

⁵ A história dos atingidos por barragens se repete muitas vezes, em outros estados e até em outros países; não é uma excepcionalidade. No entanto, a mídia torna-se conivente ao julgar trivial a cobertura jornalística dos fatos que se seguem. Com isso a sociedade não obtém informações sobre essa realidade, senão, sobre as que a grande mídia opta por evidenciar.

⁶ VIÇOSO, Vitor. A Narrativa no Movimento Neorrealista. As Vozes Sociais e o Universo das Ficções; Realismo e Novos realismos. MG; Editora UFMG, 2012. 302 p.

responsáveis por “despertar a alma coletiva das massas”⁷ com a finalidade de alcançar a verdadeira transformação social.

A análise do neo-realismo na presente pesquisa contribui para a investigação e possível constatação da literatura do movimento campesino (MAB), como expressão de uma cultura de resistência no âmbito das produções estético-ideológicas. Destacar e tornar a “literatura marginal”⁸ cada vez mais notável à sociedade torna-se *conditio sine qua non*, tanto para os atingidos (as) quanto para os seguimentos que exploram e analisam a literatura como manifestação subjetivo-objetiva, visto que a literatura de resistência é o fruto dos anseios e denúncias da população que integra o Movimento dos Atingidos por Barragens do Estado de Minas Gerais, sendo também, submergida e sufocada em nome da excelência de outros elementos artísticos que compartilham valores distantes da realidade concreta e desconsideram a vida humana como ponto fundamental na contemplação e intervenção da realidade através da arte.

É sobre esta ótica que a presente pesquisa busca analisar a produção literária proveniente do Movimento dos Atingidos por Barragens e sua relação com aspectos do neo-realismo de forma a identificar pontos em comum no que tange a literatura marginal e a cultura de resistência, assim como debater sobre a importância de estimular a criação literária para além do “corredor editorial”⁹ e dos modelos já estabelecidos.

Para atingir os objetivos propostos, será utilizado o método de pesquisa bibliográfica e a abordagem teórica de investigação dos fenômenos examinados. Ou seja, o conteúdo observado será submetido ao exame considerando seus aspectos materiais e concretos, como dados e registros apreendidos, relacionando-os aos elementos da obra contemporânea analisada. O trabalho será dividido em duas partes: pressupostos teóricos, divididos em três sub-tópicos e a análise da obra “Viagens de Sophia”, que será apresentada a seguir. Serão analisadas outras fontes teóricas e literárias como

⁷Conceito utilizado por Karl Marx para designar a classe antagônica à classe capitalista, isto é, aos proletários.

⁷VIÇOSO, Vitor. A Narrativa no Movimento Neo-Realista. As Vozes Sociais e o Universo das Ficções; Realismo e Novos realismos. MG; Editora UFMG, 2012. 302 p.

⁸NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vozes Marginais na Literatura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

artigos científicos, dissertações e a críticas literárias, a fim de legitimar o estudo realizado.

2. A expressão das vozes marginalizadas na década de 30 no Brasil

A primeira manifestação regionalista no Brasil surgiu no ano de 1928, com a publicação de *A Bagaceira*, obra de José Américo de Almeida, que inaugura o período de relatos e engrandecimentos do nordeste. Inspirado pelo realismo e sobre considerável influência do modernismo, através da liberdade linguística, da valorização dos aspectos regionais ou pela aproximação dos fenômenos freudianos, o romance de 30 surge como inovação e resistência, fomentando no homem do sertão nordestino e em toda a população não só a angústia e a inquietação, mas a compreensão do mundo industrializado e seus efeitos, como a anulação do homem atinente ao indivíduo, questão fundiária e a problemática social.

A atribuição do termo “marginalizadas”, acentuado na introdução deste tópico e referente à literatura produzida pelos autores do nordeste, pode provocar algum espanto devido à carga semântica assumida pelo léxico escolhido, isto é, denominar uma produção artística como marginal é inferir que esta não se enquadra nos moldes tão apreciados pela sociedade intelectual e acadêmica, e não se enquadrando, é ignorada e considerada como não literatura. Tudo que contradiz ou questiona um modelo dado e imposto é passível de espanto e em muitos casos de distanciamento por partes dos leitores; no entanto, a literatura de 30 no Brasil foi a retomada ou o surgimento de uma expectativa extremamente necessária, que rompeu com o ideal da estética burguesa, da substância abstrusa embutida no movimento da Arte pela Arte cujos valores direcionavam a essência do indivíduo e não na valorização da coletividade.

Gilberto Freire, escritor brasileiro, nascido em Recife no ano de 1900, foi considerado por diversos nomes influentes como um dos grandes fomentadores do romance de 30 no Brasil. Elaborou o manifesto regionalista, obra de grande valor que promoveu um sentimento de encarecimento e admiração pelos costumes, cor local e

características do homem e da mulher sertaneja. De acordo com Maria de Fátima Vaz de Medeiros (1997), foi Freire quem influenciou para que o romance regionalista assumisse, antes de tudo, caráter autêntico, rompendo com o distanciamento da narrativa com o verossímil. Segundo Afrânio Coutinho:

Há, porém, uma diferença essencial entre o regionalismo tal como era visto pelos românticos e o que foi posto em prática pelas gerações realistas. Em José de Alencar, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães, o regionalismo é uma forma de escape do presente para o passado, um passado idealizado pelo sentimento e artificializado pela transposição de um desejo de compensação e representação por assim dizer onírico. Essa modalidade de regionalismo incorre numa contradição ao supervalorizar o pitoresco e a côr-local do tipo, ao mesmo tempo em que procura encobri-lo, atribuindo-lhe qualidades, sentimentos valores que não lhe pertencem, mas à cultura que se lhe sobrepõe. Já se assinalou que o índio de Alencar era um europeu de tanga e tacape. (Afrânio Coutinho, 1964, p. 201).

E acrescenta:

[...] o Realismo deu prosseguimento àquela marcha introspectiva proveniente do Romantismo, mergulhando no magma nacional à procura da compreensão de seus valores e motivos de vida e, ao mesmo tempo, buscando nêle as fontes de nutrição e inspiração intelectual. Desvestiu-se, porém, a mentalidade do país, sob o influxo realista, daquele saudosismo e escapismo romântico, para considerar a existência contemporânea e o ambiente vizinho. (Afrânio Coutinho, 1964, p. 201).

Ou seja, a arte regionalista extrapola os limites do romantismo e do realismo, introduzindo uma nova noção de mundo, espaço e identidade que posteriormente dará vazão as análises existencialistas no reconhecimento das reflexões sobre o lugar e o sentido do homem no mundo, que incorrem no fazer literário, na produção artística ou ainda, no pensar a sociedade.

A necessidade de provocar na sociedade a manifestação das insatisfações e, em consequência disso, a elevação da consciência, deu-se através de um mecanismo conhecido por verossimilhança no ato de relatar a sociedade; no entanto, para tal feito, é necessário um conhecimento da realidade, um domínio ou pelo menos a capacidade de avaliar e perceber as condições dadas que cercam o povo trabalhador, e a essa

capacidade cognitiva dá-se o nome de análise de conjuntura⁹. A análise conjuntural, realizada pelo autor, favorece a aproximação da narrativa com o verossímil, alcançando assim, um dos objetivos do autor neorrealista: trabalhar a consciência através da arte. Alguns estudiosos, como Lisiane Pinto, citada nas proposições anteriores, consideram a análise de conjuntura como uma síntese da realidade pautada e dirigida pela ideologia de quem a concebe. Não podemos negar tal constatação, ao mesmo tempo não podemos considerá-la como objeto danoso ao produto de sua concepção. Diante da situação estabelecida para os autores da década de 30, em plena mudança econômica, social e de transplantação cultural, difícil seria analisar e propor estratégias de mudança para a sociedade considerando trivial o posicionamento político e ideológico dos autores engajados nos partidos e organizações sociais.

Em suma, a análise de conjuntura propicia a construção do retrato direto da realidade, aproximando-se da vida do sertanejo e considerando os valores e as peculiaridades da região, como defende Lisiane Pinto (2008) ao mencionar Lukács e suas análises em torno da autenticidade dos elementos traçados pelas artes literárias:

O legado de Lukács consiste numa leitura política e social da sociedade, estabelecendo uma ligação entre época histórica e gênero literário, colocando a arte como retrato da sociedade. Ora, se arte reflete a sociedade, logo ela é realista, sendo assim o teórico, que se ligou à corrente marxista, percebia na obra literária a possibilidade de desmascarar o social para que houvesse uma tomada de consciência do leitor. Ciente então da realidade, o leitor procederá a uma mudança na sociedade, tornando-a mais justa e mais humana. (PINTO, 2008)

O poeta assim o faz, dispõe a arte como a fotografia fiel da realidade, desmascara, ou tenta desmascarar, o que persiste como sistema vigente e assim, colabora para a tomada de consciência do leitor. Para muitos escritores da época a literatura deveria servir a este novo Humanismo, contra toda antinomia social que emana do sistema capitalista defendendo assim, a coletividade e a centralidade no homem, frente à estética literária por si só. Nesse tipo de proposta estética é que podemos localizar a obra de Claret, a qual analisaremos no próximo capítulo, a partir

⁹ Termo comumente citado por intelectuais de economia política enfocada por Emílio Gennari, sociólogo, autor da obra EZLN: passos de uma rebeldia.

da compreensão dos traços neo-realistas e do caráter de resistência social e política da obra produzida pelo movimento campestre.

3. *Viagens de Sofia*: Literatura e Resistência

Publicada no ano de 2008, *Viagens de Sofia*, emerge da luta e admiração do autor, pela força e determinação dos que compõe e fortalecem, diariamente, o Movimento dos Atingidos por Barragens. Antônio Claret Fernandes, além de escritor, padre e militante orgânico, isto é, lutador de grande proatividade, dedica sua vida, desde o ano de 1990, às organizações sociais, fomentando em cada atingido, a esperança e a confiança na construção de uma nova sociedade, mais solidária e popular. Por se reportar à vida social e estigmatizada de indivíduos marginais à sociedade burguesa, aproximando dos aspectos morais, religiosos e cotidianos da vida simples do homem do campo, *Viagens de Sofia*, conquista seu espaço nas prateleiras e escrivaninhas de diversas personalidades, pertencentes ou não aos movimentos sociais, que consideram a obra como documento histórico de cunho literário, caracterizada por seu grandioso valor político-social de denúncia das opressões e contradições vividas pelos atingidos por barragens e pela classe operária como um todo.

Compreendemos que todo processo artístico nasce, primeiramente, da vontade de se exprimir algo, íntimo, subjetivo ou comum a todos, como uma confluência de elementos provenientes da memória, da percepção de realidade, como também da imaginação e da intuição. A literatura de resistência, por sua vez, bebe, principalmente, da fonte da memória e da percepção do real, a partir das experiências das personagens e do próprio autor, submetendo-nos, aos constantes questionamentos sobre, segundo (Bosi, 2002, p.254) a dialética do “indivíduo e sociedade, escrita e cultura, imaginação e memória social, invenção e convenção” as quais somos frequentemente subjugados; porém é importante frisar que, a narrativa dos excluídos não é uma atividade inovadora ou mecanismo recém - descoberto de contemplação social.

A trajetória de formação literária no Brasil assevera a presença de personagens em condições de marginalidade em diversos momentos históricos, analisados e



representados durante o fomento da produção cultural no país. O Romantismo do século XIX, influenciado pelas expressões europeias, pela transição política, decorrente da prematura independência e conseqüentemente, da valorização do nacionalismo e da liberdade apresenta, como “*objeto da escrita*” (Bosi, 2002, p. 257), personagens e circunstâncias em situação de exclusão, uma vez que o sentimento de liberdade ressoava como necessidade de ruptura com a supervalorização dos modelos europeus e da inferiorização das produções nacionais, pois, sendo o Brasil recém-independente, os elementos que constituíam e integravam a riqueza do país, como “*as manifestações simbólicas que traduziam uma identidade étnica ou nacional*” (BOSI, 2002, p. 259), como os jogos e danças, ritos e mitos, eram secundarizados, em muitos casos desvalorizados para dar a vez aos costumes provenientes da Europa.

O indianismo incitou o nacionalismo a partir do esboço do indígena, recaindo sobre este, a representação do povo brasileiro, seus hábitos, sua cor-local e principalmente o papel do herói; no entanto, um índio excluído da realidade do homem branco, sendo exaltado por sua valentia e capacidade heroica. Assim como nas representações que compõem as obras realistas e naturalistas, sendo a última, grande apreciadora das personagens excluídas inerente ao *pathos*. No entanto, poucas são as obras que vão além da denúncia da contradição e da exposição dos sujeitos excluídos.

Os três contos analisados, referentes à obra *Viagens de Sofia*, se “*inserem num ambiente de generalizada falta de perspectiva, de piora nas condições de vida da classe trabalhadora e de perseguição aos que se levantam contra o sistema*” (CLARET, 2008), no entanto, trata-se, ao mesmo tempo, de narrativas cujo intuito maior reside na popularização da luta social, na agitação da bandeira popular marxista e principalmente, no fomento à resistência. De acordo com Alfredo Bosi (2002, p.118):

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é *in/sistir*; o antônimo familiar é *de/sistir*.

O termo resistência foi pensado em relação à luta contra os governos fascistas na década de 30 a 50. Este foi um período de consolidação da aliança entre as forças

contrárias à ditadura que se instalava por toda a Europa e também no Brasil, ao mesmo tempo, momento decisivo e propício ao fortalecimento da arte engajada, do neo-realismo e da literatura de resistência. Mais que uma literatura aguerrida de cunho marxista, de acordo com Bosi (2002, p. 127), o neo-realismo passava também a significar a libertação de uma “prática de escrita que estaria, por sua própria ancianidade estética, vinculada a ideias e valores já ultrapassados”, aproximando a escrita ficcional do cotidiano popular, da resistência através da arte da narrativa e de um novo tipo de humanismo, com base nos fundamentos existencialistas. Sobre esse período de luta contra as ditaduras, podemos dizer que:

Era como se o espírito inquieto das vanguardas do começo do século voltasse a soprar na cabeça dos escritores, mas agora, depois da experiência da Segunda Guerra Mundial, exigisse uma escolha sóbria, lúcida, sem ilusões literárias, sem individualismos extremados, e comprometida tão-só com o que libera o homem junto com o semelhante. (BOSI, 2002, p. 128).

Não tão diferente da manifestação artística do romance de 30, a literatura contemporânea, produzida pelos movimentos sociais do campo, como o MAB, pode ser definida como um aparelho ideológico de disseminação das contradições do sistema capitalista, comprometida com a emancipação humana e com o avanço da consciência dos mesmos, como expôs Bosi, no trecho citado a cima. Podemos considerar a arte militante, produzida no seio dos movimentos populares, como o veículo de divulgação e fomento da resistência coletiva, instalado a partir do referencial do oprimido e não do conjunto de elementos que formam um sistema referencial militar de coerção das milícias nazi-fascistas da década de 30. O poeta da literatura de resistência sabe, antes de tudo, como impulsionar a organização popular conduzindo a apropriação cultural e artística à auto reflexão e à aliança entre os trabalhadores organizados, de modo a avivar a identidade de classe, pois, sua atenção volta-se para o povo, para a verificação da realidade, dos detalhes que muito contam sobre determinados momentos de enfrentamento ou de construção do movimento, enfim, encontramos a centralidade no coletivo e não na preocupação estética das personagens, do lugar ou da obra, como podemos observar no trecho seguinte, do conto *Viagens de Sofia*:

Filomeno fazia a análise de conjuntura: O Capitalismo, na sua fase imperialista, avança de forma devastadora sobre os recursos naturais. Nós, do movimento, estamos bem no “olho do furacão” por causa da água e da energia. Os interesses são enormes! Ou os movimentos populares e as entidades combativas se unem ou seremos todos esmagados. (CLARET, 2008, p. 103).

Vilma, penúltimo conto da obra de Claret, discorre sobre, os desafios encontrados durante uma ocupação do canteiro de obras na construção da barragem de Fumaça. Nos primeiros instantes da narrativa o autor discorre sobre o espírito de cooperação dos militantes nas atividades relacionadas à organização do espaço ocupado, cada qual com sua tarefa, executando-a da melhor maneira. *O Andarilho trovador* aproxima-se, com maior ênfase entre os contos analisados, dos valores místicos e religiosos, pois, trata-se da história de um ex-seminarista, que depois de ser expulso do seminário torna-se andarilho, encantando a todos com suas trovas, até reencontrar um antigo amigo missionário que o ajuda a se instalar na cidade e a encontrar o pai que há muito não via. O último conto da obra, *Viagens de Sofia*, narra a viagem de quatro militantes e as reflexões de Sofia, sobre o sistema social e econômico vigente, assim como suas consequências. São contos repletos de questionamentos a cerca da vida moderna, da necessidade de mudança e da possibilidade de ruptura com o projeto capitalista de sociedade.

Considerações finais

Os artistas, militantes orgânicos dos movimentos populares, valorizam e estimulam a produção artística em todos os espaços de resistência, seja no momento de confronto, nas reuniões ou nas formações políticas, através das místicas, ocasião em que são retomados todos os mártires da luta popular, assim como seus legados, por intermédio das musicas, poesias e cenas teatrais. Podemos avaliar que a arte de resistência exerce considerável influência no imaginário e na percepção de mundo da sociedade, propiciando, ao leitor, o contato imediato com o lado vivo, resistente e ao mesmo tempo, abstruso dos marginalizados, pelos veículos de disseminação dos preceitos capitalistas.

Os escritores do neo-realismo assim como os do romance de 30 no Brasil, e todos os seus elementos históricos e tipificações sociais, assumem posição de vanguarda na elaboração de uma literatura de resistência do século XIX, que reivindica a cima de tudo o direito à cultura, à expressão artística e, principalmente, à vida, atribuindo ao escritor, como disse Viçoso (2011), a tarefa de, através da sua práxis, contribuir para a conscientização da classe trabalhadora visualizando, sempre, a revolução.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *The coming community*. Transl. by Michael Hardt. Minneapolis/ London: University of Minnesota Press, 1993.
- BROOK, Peter. *The shifting point: forty years of theatrical exploration, 1946-1987*. London: Methuen, 1988.
- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HUTCHEON, Linda. *A theory of adaptation*. London & New York: Routledge, 2006.
- KIDNIE, Margaret. *Shakespeare and the problem of adaptation*. New York: Routledge, 2009.
- KRISTEVA, Julia. "The bounded text". In.: *Desire in language: a semiotic approach to literature and art*. Trans. Thomas Gora, Alice Jardine, and Leon S. Roudiez (ed.). Oxford: Blackwell, 1980.
- MASSAI, Sonia. Defining local Shakespeares. In: _____. (Ed.) *World-wide Shakespeares: local appropriations in film and performances*. London and New York: Routledge, 2005. .pp. 3-12.
- RICH, Adrienne. When we dead awaken: writing as re-vision. In: _____. *On lies, secrets, and silence*. New York: Norton, 1979. pp. 33-49.
- SANDERS, Julie. *Adaptation and appropriation*. London & New York: Routledge, 2006.
- SANTOS JR., Antonio Veríssimo. *Shakespeare e a Reinvenção da Escola ou a Escola e a Reinvenção de Shakespeare*. 2004. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

Aceito em 07/10/2014.